

Firmes na luta contra a “ameaça vermelha”: a gênese do jornal Folha do Norte do Paraná

Angélica de Brito (UEM)

Introdução

Nas últimas décadas tem crescido consideravelmente o número de trabalhos que analisam o anticomunismo enquanto um fenômeno político e cultural de grande relevância na história do Brasil República. Seu caráter mobilizador desempenhou um papel fundamental em inúmeras conjunturas ao longo do século XX no cenário nacional. A crise política do início da década de 1960 que culminou com o golpe civil militar de 1964 é apenas um dos exemplos a serem mencionados. No entanto, é importante destacar que o anticomunismo esteve presente, enquanto elemento identitário, no seio de diversos segmentos que viam nos movimentos sociais pautados em idéias igualitárias uma ameaça à estrutura social estabelecida.

Segundo Motta, as primeiras notícias de caráter marcadamente anticomunista foram veiculadas pela imprensa nacional no contexto pós Revolução Russa de 1917 (MOTA, 2002). A partir de então, foram criadas e disseminadas imagens que contribuíram para a formação de um imaginário anticomunista no país, cujos traços, revelam além da influencia ideológica externa, características específicas moldadas pelo contexto histórico brasileiro.

Levando-se em conta a dimensão que o fenômeno atingiu no nosso país, a destacada atuação da mídia nesse processo e a grande quantidade de materiais impressos que veicularam conteúdo anticomunista são múltiplos os caminhos a serem explorados pelo historiador. O jornal Folha do Norte do Paraná fez parte desse conjunto de veículos de informação que contribuíram para a disseminação de ideias anticomunistas por todo o país.

A gestação da Folha do Norte ocorreu em meio a um contexto conturbado que agregou diversos elementos do cenário político, econômico e social do início da década de 1960. Assim sendo, o objetivo do presente trabalho consiste em analisar

a contribuição de cada um destes elementos tanto para a criação do periódico como para a sustentação do seu discurso. O contexto internacional marcado pela polarização característica da Guerra Fria, a intensa campanha anticomunista travada contra o governo de João Goulart, o posicionamento da Igreja Católica frente ao comunismo e o embate gerado em torno do processo de sindicalização dos trabalhadores rurais no norte do estado são alguns dos elementos contemplados pela análise.

A campanha anticomunista do início da década de 1960

O jornal Folha do Norte do Paraná lançado oficialmente em 1962 na cidade de Maringá circulou por aproximadamente cem municípios do interior do estado até 1979 quando encerrou suas atividades. Mais do que um veículo de informação o periódico foi pensado para se tornar o porta voz da Igreja católica na região, para agregar os fiéis espalhados pelas inúmeras dioceses e principalmente para municiá-los com informações cristãs e anticomunistas.

O objetivo inicial do seu principal articulador, o então bispo diocesano dom Jaime Luiz Coelho, era torná-lo um dos maiores periódicos do país para fazer frente ao conhecido jornal esquerdista “Última hora” de Samuel Wainer, como esclarece o jornalista Antonio Roberto de Paula (PAULA, *online*, 2011). As pretensões de dom Jaime nada tinham de dissonantes naquele momento histórico. O início da década de 1960 foi marcado por uma intensa mobilização anticomunista no cenário nacional. Nesse contexto a “ameaça vermelha” se mostrava cada vez mais próxima e a necessidade de combatê-la, com todas as armas possíveis, imediata.

A América Latina que durante muito tempo foi considerada um cenário secundário nos embates da Guerra Fria tornou-se uma grande preocupação para Estados Unidos com a consolidação da Revolução Cubana de 1959. O país tornou-se o centro de irradiação do perigo comunista na América. Para barrar essa temida expansão o governo estadunidense passou a tomar medidas de cunho repressivo, fosse através de intensa vigilância, estímulo á propaganda anticomunista, e ajuda financeira aos países dispostos a cooperar no combate ao comunismo.

No período que precede o golpe de 1964 é notável o surgimento de dezenas de organizações anticomunistas por todo o país. Segundo Motta, a maioria destes organismos constituiu experiências efêmeras cujo objetivo era aumentar artificialmente a agitação anticomunista, no entanto, nem todas podem ser classificadas como artificiais (MOTTA, 2002). Algumas delas já existiam antes desse período tais como: Cruzada Brasileira Anticomunista (CBA), Sociedade Brasileira de defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP) e o Movimento por um Mundo Cristão (MMC). Elas contribuíram para a formação de um ambiente de radicalização e polarização ideológica que preparou o terreno para o golpe de 1964.

A participação do complexo IPES/IBAD foi determinante para a articulação da campanha política e ideológica que levou a derrubada do governo Jango e a instituição do regime militar. O Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD) surgiu em 1959, tornou-se conhecido através da revista Ação Democrática, cujo discurso era marcadamente anticomunista. O objetivo principal do periódico, que era distribuído gratuitamente e com grande tiragem, era convencer principalmente as classes dominantes da iminência do perigo comunista e da necessidade de se organizar contra ele.

Já o Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais (IPES) foi criado em meados de 1961 por um grupo de empresários do Rio de Janeiro e São Paulo temerosos com o crescimento da esquerda durante o governo de João Goulart. As duas entidades mantinham um certo nível de cooperação e fomentaram a proliferação de organizações anticomunistas no período, fornecendo a elas suporte ideológico, político e financeiro. Segundo o historiador René Armand Dreifuss o complexo IPES/IBAD foi o grande responsável pela mobilização conjuntural que criou o “clima” propício para a intervenção dos militares (DREIFUSS, 1981).

A campanha anticomunista no período foi marcada pela realização de protestos, comícios, passeatas e pela intensificação das atividades de divulgação com o aumento da publicação de livros, folhetos, cartazes, etc. Diversos jornais conservadores passaram a veicular esse tipo de material através de encartes e fascículos. Todos os veículos de comunicação disponíveis foram utilizados para transmitir um discurso que visava desqualificar o governo Jango.

Um fenômeno que evidenciou claramente a dimensão da campanha ideológica travada no período foram as célebres “Marchas da Família com Deus pela Liberdade”. Estas manifestações públicas de repúdio ao governo Jango e ao comunismo que ocorreram por todo o país a partir do final de março de 1964 e que contaram com ampla participação de diversos setores da sociedade revelam o quanto essa mobilização anticomunista repercutiu junto a sociedade civil.

A igreja na batalha contra a “ameaça vermelha”: o anticomunismo de matriz católica

Segundo o historiador Rodrigo Patto Sá Motta é mais adequado falar em anticomunismos, pois o fenômeno abrange uma frente extremamente heterogênea que engloba diferentes grupos, cujo único ponto de união, na maioria dos casos, é o combate ao comunismo (MOTTA, 2002). Reacionários, conservadores, liberais, católicos e até mesmo esquerdistas fizeram parte dessa variada gama cujos métodos de combate à “ameaça vermelha” variavam tanto quanto sua orientação política e ideológica. Nesse sentido o autor desenvolve a idéia de que, no geral, as representações anticomunistas no Brasil provem de três matrizes básicas, são eles: catolicismo, nacionalismo e liberalismo.

Levando-se em conta a própria natureza do jornal “Folha do Norte” enquanto instrumento de difusão de idéias cristãs e anticomunistas é fundamental para este trabalho a realização de uma análise mais detida sobre o anticomunismo de origem católica. Ao longo da história a Igreja sempre enfrentou diversos inimigos numa batalha interminável do bem contra o mal, o comunismo foi mais um deles.

O combate católico ao comunismo não se restringiu ao espaço da Igreja, a campanha lançada pelos religiosos estava inserida em um processo mais amplo de tentativa de recuperar o espaço e a importância que a instituição vinha perdendo desde a proclamação da república. Nesse sentido a Igreja fomentou a criação de entidades religiosas para atrair a participação dos leigos tais como: Ação Católica, Círculo Operários, congregações Marianas, Irmãos Vicentinos, dentre outras.

Segundo a historiadora Carla Simone Rodeghero em sua obra “O diabo é vermelho: imaginário anticomunista e Igreja católica no Rio Grande do Sul (1945-1964)” o combate ao comunismo pregado pela Igreja Católica se insere num processo mais amplo de modernização, laicização e secularização da sociedade no qual a igreja adotou uma postura de oposição a grande parte destas transformações (RODEGHERO, 1998).

As estratégias de combate ao comunismo adotadas pela igreja no Brasil variaram conforme a conjuntura histórica . As representações anticomunistas de origem católica são caracterizadas por explorar a sensibilidade religiosa das pessoas e também seus medos. Uma prática corrente desse discurso era a “demonização” do comunismo, ou seja, a sua associação direta á figura do mal. Outra estratégia empregada pela Igreja no combate ao “perigo vermelho” foi a utilização do anticomunismo como arma eleitoral. Foram criadas por todo o país alianças eleitorais católicas que tinham por objetivo indicar a seus fiéis os candidatos mais adequados para serem votados.

Diante dos métodos expostos e inúmeros outros, fica evidente que a Igreja Católica não poupou esforços para combater o comunismo. Afinal, aos olhos da instituição, a nova doutrina destruiria os pilares da civilização cristã: a religião, a propriedade e a família. Para os religiosos do Norte do Paraná a ameaça comunista estava corporificada nos sindicatos rurais que sofriam a influência dos membros do partidão. Era necessária uma reação rápida e firme contra o avanço de tais ideias. A resposta dos representantes da Igreja Católica na região veio com a criação da Frente Agrária Paranaense (FAP) uma organização de cunho sindical que visava concorrer com os comunistas no processo de sindicalização dos trabalhadores rurais no estado.

O embate entre comunistas e católicos no processo de sindicalização dos trabalhadores rurais do Paraná

Com o advento dos sindicatos de orientação comunista os representantes da igreja Católica viram-se forçados a abandonar os discursos e críticas e partir para a

ação. O movimento católico encontrou respaldo e motivação com a publicação em 1961 da encíclica *Mater e Magistra* do Papa João XXIII. O tema central do documento gira em torno dos problemas sociais oriundos do desenvolvimento capitalista a serem superados. Assuntos como reforma agrária e a situação dos trabalhadores rurais também são discutidos, em contrapartida um dos pontos altos da encíclica é a defesa da propriedade privada, a condenação do comunismo e o apoio à formação de sindicatos de orientação cristã.

Os religiosos paranaenses seguiram a risca tais diretrizes, porém mais do que amenizar a crítica situação dos camponeses era preciso combater a “ameaça vermelha” que se alastrava pelo Paraná e por todo o território nacional. Neste sentido em 1961 é fundada a Frente Agrária Paranaense (FAP) um órgão sindical imbuído de deter o avanço dos sindicatos comunistas. O então bispo de Maringá Dom Jaime Luís Coelho, Dom Geraldo Fernandes de Londrina, Dom Elizeu Simões de Campo Mourão e Dom Geraldo de Proença Sigaud de Jacarezinho foram alguns dos principais idealizadores do organismo.

Uma organização com objetivos tão ambiciosos não poderia nascer no anonimato, era preciso uma solenidade digna da batalha a ser travada. O dia 13 de agosto foi escolhido para a cerimônia de fundação que consistiria em uma missa campal na praça da catedral de Maringá às 10 horas, churrasco e um desfile pelas principais avenidas a partir das 14 horas.

Não por acaso naquele mesmo dia, hora e cidade seria realizado o 2º Congresso de Lavradores e Trabalhadores Rurais do Paraná, cujo objetivo central era a preparação dos trabalhadores paranaenses para o 1º congresso da ULTAB (União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil), que se realizaria no mês de novembro do mesmo ano em Belo Horizonte. A tensão era evidente, receio que viria se justificar com o violento desfecho do episódio.

Diversas personalidades do cenário político tanto estadual quanto nacional vieram prestigiar as duas solenidades. Convidados do 2º Congresso de Lavradores, além de 2000 delegados de todo Paraná estiveram presentes o deputado Nestor Dutra, um representante do presidente da república e o famoso líder das ligas camponesas do nordeste Francisco Julião.

Segundo os religiosos da FAP mais de 10 mil pessoas compareceram as festividades do seu lançamento, assim como autoridades religiosas de todo estado. Os discursos proferidos na ocasião ficaram por conta dos mentores da organização e giravam em torno dos problemas enfrentados pelos trabalhadores e o caminho certo que estes deveriam seguir "do cumprimento da ordem, do respeito mútuo das leis de trabalho". Como já era de se esperar não faltaram ataques diretos ao "congresso comunista" e principalmente a figura de Francisco Julião. Elaborando um discurso de total aversão aos comunistas, os religiosos mostravam-se como o único caminho para a resolução dos problemas que tanto castigavam a população rural.

Devido aos ânimos exaltados o confronto se tornou inevitável, o alvo principal como não poderia deixar de ser era Francisco Julião. Desde sua chegada ao aeroporto foi perseguido por muitos dos participantes do evento católico, estudantes, congregados marianos e religiosos. Os protestos contra a realização do congresso "comunista" tomaram dimensões violentas, passando de uma manifestação "pacífica" á depredação pública e agressão física que resultou inevitavelmente no confronto com a polícia. Apesar dos esforços da Igreja o congresso se realizou dentro do previsto.

O rápido crescimento dos sindicatos de orientação cristã se deve, em grande parte, aos serviços de assistência médica, educacional e jurídica que fornecia aos seus filiados. Apesar da luta entre comunistas e católicos permanecer acirrada os primeiros se encontravam na liderança. As vésperas do golpe de 1964 os cristãos só haviam fundado 46 sindicatos, dos quais apenas 8 haviam sido reconhecidos pelo Ministério do Trabalho contra 86 criados pelo PCB dos quais boa parte já contava com registro legal.

Com o golpe de 1964 e a dura repressão desencadeada contra os militantes comunistas a situação mudou radicalmente. Com os comunistas fora do jogo a Igreja Católica enfim alcançou a tão almejada hegemonia no movimento sindical paranaense. No entanto, o seu principal objetivo fora alcançado, assim sua própria existência já não fazia mais tanto sentido. Devido as cordiais relações entre os religiosos paranaenses e os políticos de direita a FAP ainda estendeu sua vida útil até o ano de 1969.

Com a criação da FAP se deu a entrada oficial da Igreja Católica na corrida pela sindicalização. A cerimônia de fundação da Frente Agrária Paranaense é apontada pelo autor Antonio Roberto de Paula como “o fator determinante” para a criação do jornal “Folha do Norte”. Segundo ele:

“Não foi por acaso que em setembro daquele ano dom Jaime tivesse decidido levar adiante seu projeto de fundar a *Folha do Norte do Paraná*. O episódio havia dado ao bispo a exata dimensão da força da Igreja Católica no interior do Estado e ao mesmo tempo carregava de tintas a iminência do perigo comunista.” (PAULA, *online*, 2011).

A criação de um jornal católico e de grande abrangência promoveria não só a integração das centenas de células católicas pertencentes às dioceses do norte do Paraná, mas também seria um instrumento valiosíssimo para a difusão de informações cristãs e anticomunistas.

Empreendimento ousado para a jovem cidade canção, a criação da Folha do Norte representou um passo importante para o jornalismo maringense. A partir de 1961, com a obtenção dos recursos captados para tal fim o jornal adquiriu a primeira impressora rotativa da cidade. O equipamento tornava possível a tiragem de até dois mil exemplares por hora e em duas cores, azul e preto. Um salto tecnológico de grande importância para a imprensa local.

Boa parte dos recursos procedia da venda de ações que eram compradas, em sua maioria, por fazendeiros, comerciantes e cerealistas da região. Apesar do caráter financeiro da transação, como aponta De Paula (2011), os compradores tinham consciência de que o projeto não tinha fins lucrativos. Tratava-se, antes de qualquer coisa, da prestação de ajuda á um respeitável e influente amigo.

Considerações finais

O anticomunismo foi um fenômeno marcante na história política brasileira ao longo do século XX. Sua atuação não se restringiu aos períodos de maior mobilização contra o avanço das forças “comunistas”, ainda que de fato tenha se tornado mais evidente nessas conjunturas. O anticomunismo foi um importante elemento da cultura política das elites econômicas do nosso país preocupadas em manter as estruturas sociais estabelecidas e resguardar seus interesses e posições.

A Igreja Católica ocupou uma posição de destaque na luta contra a “ameaça vermelha” no Brasil. No entanto, é importante ressaltar que tais posicionamentos não representam as convicções da totalidade de seus membros e mudaram conforme o contexto, visto que, a instituição é composta por diversos grupos e indivíduos que adotaram posturas nem sempre unânimes frente os problemas do seu tempo. Na década de 1960, por exemplo, a influência católica foi menor se comparada a década de 1930. Nessa conjuntura a Igreja havia passado por consideráveis transformações, surgiram tendências renovadoras com posições até mesmo esquerdistas no seio da instituição, um exemplo foi a Ação Popular (AP) criada em 1962. Muitos religiosos passaram a enxergar o comunismo como um problema secundário frente a miséria que assolava boa parte da população brasileira. Segundo Motta (2002), não havia uma unidade na instituição a respeito do risco representado pelo governo Goulart.

Sem perder de vista a influencia dos elementos de uma esfera mais ampla, que contribuíram para a criação da Folha do Norte e a sustentação do discurso por ela disseminado, é primordial considerar as especificidades do contexto regional. Sobre as motivações do anticomunismo e a relevância de análises focadas em contextos mais específicos Motta faz um importante apontamento, segundo ele:

“A motivação anticomunista resultou da intrincada mistura entre instrumentalização (ou manipulação) e convicção, que se combinaram em medida diferente ao longo da história. Para compreender como se deu tal processo é preciso analisar as conjunturas históricas específicas, pois a riqueza inerente a cada

caso singular se perderia em uma abordagem excessivamente generalizadora” (MOTTA, 2002, p. XXIV).

No norte do Paraná entre os principais representantes da Igreja Católica mobilizados na luta contra o comunismo um em especial merece destaque. A história da Folha do Norte assim como a própria trajetória de Maringá não pode ser compreendida satisfatoriamente dissociada da ilustre figura do arcebispo dom Jaime Luiz Coelho. Na jovem “cidade canção” assumiu uma postura de liderança política e religiosa sem precedentes. Espaço deixado pelas primeiras gestões municipais que não lograram constituir plataformas de governo influentes e duradouras. O arcebispo não tinha ambições financeiras com a Folha do Norte, seu objetivo era fazer um jornal que fosse o porta voz da Igreja, que integrasse as dioceses da região e fortalecesse a fé cristã contra o comunismo.

Seguindo as diretrizes da Igreja Católica no período seus representantes se lançaram oficialmente na luta contra o comunismo através da criação da Frente Agrária Paranaense e também da Folha do Norte do Paraná. Ambas as iniciativas, afinadas com os preceitos católicos, atuaram enquanto instrumentos para barrar o avanço da influencia comunista, representada na região pelos sindicatos rurais cujos líderes possuíam ligações com o PCB.

Referências bibliográficas

ALVARENGA, S. C. A. **A atuação da Igreja Católica no processo de organização dos sindicatos de trabalhadores rurais do norte do Paraná 1960-1969: o caso da Frente Agrária Paranaense.** Maringá, 2008. Dissertação (Programa de Pós-graduação em História – Mestrado). Universidade Estadual de Maringá.

DREIFUSS, R. A. **1964: A conquista do Estado: ação política, poder e golpe de classe.** Rio de Janeiro: Vozes, 1981.

FRAMCHETTI, Claudinéia Justino. **Páginas de intolerância política: a guerra psicológica contra o monstro vermelho na revista Lei e Policia (1948 – 1950).** Maringá, 2008. 153 p. Tese (Mestrado em História) – UEM.

MARIANI, Bethania. **O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989).** Rio de Janeiro: Revan, 1998.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o “perigo vermelho”: o anticomunismo no Brasil (1917-1964).** São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002.

PAULA, Antonio Roberto de. **O jornal do Bispo: a história da Folha do Norte do Paraná.** Disponível em: < <http://jornaldobispo.blogspot.com/>>. Acesso em: 10 julho. 2013.

PRIORI, Ângelo. **O protesto do trabalho: história das lutas sociais dos trabalhadores rurais do Paraná: 1954-1964.** Maringá: Eduem, 1996.

PRIORI, Angelo. **A revolta camponesa de Porecatú: a luta pela defesa da terra camponesa e a atuação do Partido Comunista Brasileiro (PCB) no campo (1942-1952).** Assis, 2000. Tese (Doutorado em História) UNESP.

PRIORI, Ângelo...[et al.] **História do Paraná: séculos XIX e XX.** Maringá: Eduem, 2012.

RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti. História regional dimensões teórico-conceituais. História: debates e tendências, Passo Fundo, v.1, n.1, p.15-22, 1999.

RODEGHERO, Carla Simone. **O diabo é vermelho:** imaginário anticomunista e Igreja católica no Rio Grande do Sul (1945-1964). Passo Fundo: Ediuf, 1998.

SILVA, O. H. **A foice e a cruz:** comunistas e católicos na história do sindicalismo dos trabalhadores rurais do Paraná. Curitiba: Rosa de Bassi, 1996.

WOSNIAK, Andrea Beatriz Gimenez. Reflexões sobre cultura política: o imaginário anticomunista das elites econômicas curitibanas, 1954-1964. Gestão e Conhecimento, v. 3, n.1, p. 15-33, 2005.